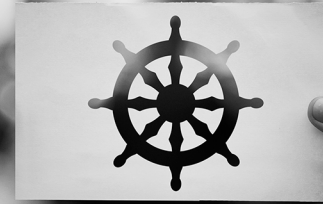


Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho
(Organizadores)



Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho
(Organizadores)



Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Teologia e ciência da religião: agenda para discussão 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Vanessa Alves Pereira, Sonellaine de Carvalho. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-541-9

DOI 10.22533/at.ed.419202810

1. Teologia. 2. Ciência. 3. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Pereira, Vanessa Alves (Organizadora). III. Carvalho, Sonellaine de (Organizadora). IV. Título.

CDD 215

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O momento em que vivemos, marcado pela primeira onda mundial do COVID-19 tem levado muitas pessoas a refletirem sobre a vida. O diálogo religioso tem sido, nesses momentos difíceis acalento para muitas pessoas. Mesmo, sabendo que historicamente as Ciências da Religião e a Teologia, possuem identidades e trajetórias próprias, porém, não indiferentes entre si, arriscamos dizer que nesse contexto abstruso, através da “fé e da razão” vêm colaborando na religiosidade das pessoas. No discurso teológico de São Tomás de Aquino a “fé e a razão” aparecem como valores intrincados com o conhecer da verdade, e nos contextos de hoje, marcado pelo isolamento social, o conhecer nos leva a verdade do outro e a verdade sobre nós mesmos. Reflexões sobre a vida, o ser humano, a morte, o sagrado têm sido perenes nesse período de isolamento.

Um dos caminhos utilizados pelas pessoas nesse contexto pandêmico, é o da leitura. Uma boa leitura, sempre fez bem ao corpo e a alma. A partir dessas premissas apresentamos a obra - **Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2** -. Uma obra com 11 textos diversificados, oriundos de pesquisas, investigações de vários autores e de vários contextos. Tais elementos, tornam esta obra rica em reflexão gravitando em eixos como (Bíblia Hebraica, Confessionalidade, Congar, Eclesiologia, Gênero. Morte, Narrativas Bíblicas, Paradigmas, Peregrinos, Preservação, Religião, Santo, Tempos, Teologia, Tolerância. Xintoísmo, etc.) cujos diálogos ora perpassam pelos liames das Ciências da Religião, ora pela Teologia. Deixamos aqui o convite, para leiam e apreciem a obra.

Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMAGEM FEMININA NA ASSEMBLEIA DE DEUS – MISSÕES: UM PANORAMA DE COMO QUADROS TEÓRICOS PERMITEM COMPREENDER POSSÍVEIS TENSÕES ENTRE AS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO ASSOCIADAS AO FEMININO	
Ana Luíza Gouvêa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.4192028101	
CAPÍTULO 2	13
A LITERATURA INFANTIL AFRICANA: ROMPENDO COM A CULTURA HEGEMÔNICA	
Mônica Abud Perez de Cerqueira Luz	
DOI 10.22533/at.ed.4192028102	
CAPÍTULO 3	28
A PRÁTICA RELIGIOSA E A MORTE NA MEMÓRIA DOS IMIGRANTES JAPONÊSES	
Tomoko Kimura Gaudioso	
André Luis Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.4192028103	
CAPÍTULO 4	41
A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO RELIGIOSO: UM OLHAR SOBRE A MANUTENÇÃO E/OU RESTAURAÇÃO DA IGREJA SÃO TIAGO MAIOR DE LÂNDANA (CABINDA/ANGOLA)	
Joaquim Paka Massanga	
DOI 10.22533/at.ed.4192028104	
CAPÍTULO 5	54
A REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICO-LITERÁRIA DA MADEIRA DE ACÁCIA NO ÂMBITO DAS LOCAÇÕES CÊNICAS DAS NARRATIVAS BÍBLICAS	
Petterson Brey	
DOI 10.22533/at.ed.4192028105	
CAPÍTULO 6	63
A SERVIÇO DO QUE SE MOVE: A TRADIÇÃO CAMBIANTE DA FESTA DOS SANTOS PEREGRINOS	
Andiara Barbosa Neder	
DOI 10.22533/at.ed.4192028106	
CAPÍTULO 7	77
AS MISSÕES PROTESTANTES NA AMÉRICA LATINA E SEU IDEÁRIO POLÍTICO	
Dora Deise Stephan Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.4192028107	

CAPÍTULO 8.....	90
O PARADIGMA TRADICIONAL DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: O DESAFIO DA DOCÊNCIA TEOLÓGICA CONFESSIONAL	
Davi Marreiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4192028108	
CAPÍTULO 9.....	102
PARALELO ENTRE O PENSAMENTO DE YVES CONGAR E OS DOCUMENTOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA EM MEDELLIN: SUA RELAÇÃO COM A <i>LUMEN GENTIUM</i> E GAUDIUM ET SPES DO CONCÍLIO VATICANO II	
Ailton Bento Araruna	
Edilberto Cavalcante Reis	
DOI 10.22533/at.ed.4192028109	
CAPÍTULO 10.....	109
RELIGIÃO E LIBERDADE DE EXPRESSÃO NO ESPAÇO PÚBLICO CONTEMPORÂNEO	
Sérgio Murilo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.41920281010	
CAPÍTULO 11.....	119
SINAIS DOS TEMPOS EM “TEMPOS LÍQUIDOS”: DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI	
Ademilson Tadeu Quirino	
Ligja Maria dos Reis Matos	
DOI 10.22533/at.ed.41920281011	
SOBRE OS ORGANIZADORES	135
ÍNDICE REMISSIVO.....	137

CAPÍTULO 1

A IMAGEM FEMININA NA ASSEMBLEIA DE DEUS – MISSÕES: UM PANORAMA DE COMO QUADROS TEÓRICOS PERMITEM COMPREENDER POSSÍVEIS TENSÕES ENTRE AS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO ASSOCIADAS AO FEMININO

Data de aceite: 27/10/2020

Ana Luíza Gouvêa Neto

UFJF

REDUGE

<http://lattes.cnpq.br/8279527630211124>

Artigo publicado nos Anais no 3º Simpósio Internacional da ABHR.

RESUMO: O presente artigo prevê abordar inquietações surgidas a partir das conclusões obtidas na dissertação de Mestrado intitulada: Na capa e por dentro: uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas. Pôde-se identificar uma imagem dual de mulher. Ao mesmo tempo que a mulher era representada de forma contemporânea e moderna – ativa, que trabalha fora, ela era projetada de forma conservadora – adjutora do esposo e ‘rainha do lar’, sendo essas as imagens que se sobressaem. Para além, ao analisar o conjunto de textos reunidos para a pesquisa, concluiu-se que a representação de mulher e de feminino era balizada por uma noção construída com objetivo de controle e disciplinarização dos corpos femininos. Notou-se uma mulher assembleiana presa a uma hierarquia valorativa de dominação, na qual a submissão é legitimada a partir da Bíblia. A conclusão a que se chegou, por fim, pareceu insatisfatória na medida em que o retrato fornecido pela observação e análise dos periódicos apontava mais para uma representação de feminino que a instituição

religiosa – Assembleia de Deus – pretendia do que, possivelmente, na prática, as ações e relações sociais podem revelar. Dessa forma, como compreender a mulher assembleiana a partir de uma perspectiva de gênero que dê conta de explicar as continuidades e descontinuidades entre o discurso oficial produzido pela instituição religiosa e a autorrepresentação de feminino que possuem as assembleianas?

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Assembleia de Deus, Mulher.

ABSTRACT: This article aims to address concerns arising from the conclusions obtained in the Master's dissertation entitled: Na capa e por dentro: uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas. A dual image of woman could be identified. At the same time that the woman was represented in a contemporary and modern way - active, working outside the home, she was projected in a conservative way - helper of the husband and 'queen of the home', these being the images that stand out. Furthermore, when analyzing the set of texts gathered for the research, it was concluded that the representation of women was guided by a notion constructed with the objective of controlling and disciplining female bodies. It was noticed the woman stuck to the gender hierarchy, legitimized by the Bible. The conclusion reached, at last, seemed unsatisfactory insofar as the portrait provided by the observation and analysis of the journals pointed more to a representation of women than the religious institution - Assembly of God - intended than, possibly, in practice, social actions and relationships can reveal. In this way,

how to understand the assemblage of women from a gender perspective that is able to explain continuities and discontinuities between the official discourse produced by the religious institution and the self-representation of women ?

KEYWORDS: Gender, Assembleia de Deus, Woman.

INTRODUÇÃO

O presente artigo prevê abordar inquietações surgidas a partir das conclusões obtidas na dissertação de Mestrado intitulada: *Na capa e por dentro: uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas* (GOUVÊA NTO, 2015, p. 37). Nessa, procurou-se identificar a representação de imagem feminina propagada pela Igreja Assembleia de Deus a partir da análise das revistas *Nosso Lar e Mulher, Lar & Família Cristã*¹. Pôde-se identificar uma imagem dual de mulher. Ao mesmo tempo que a mulher era representada de forma contemporânea e moderna – ativa, que trabalha fora, ela era projetada de forma conservadora – adjutora do esposo e ‘rainha do lar’, sendo essas as imagens que se sobressaem.

Para além, ao analisar o conjunto de textos reunidos para a pesquisa, concluiu-se que a representação de mulher e de feminino era balizada por uma noção construída com objetivo de controle e disciplinarização dos corpos femininos. Isso acontece, em parte, por causa dos tipos de instruções e orientações que as revistas disponibilizavam.

Após análise de todo material, as conclusões obtidas trazem uma representação de imagem feminina assembleiana de submissão ao marido, de dona de casa, de mãe de família, de submissão à Igreja. Notou-se uma mulher assembleiana presa a uma hierarquia valorativa de dominação, na qual a submissão é legitimada a partir da Bíblia. Passagens tais como: “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores” (EFÉSIOS, 4:11) e “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele” GÊNESIS 2:18) são constantemente utilizadas para legitimar a posição e o papel da mulher – hierarquicamente inferior – no interior da Igreja e na vida privada.

A conclusão a que se chegou, por fim, pareceu insatisfatória na medida em que o retrato fornecido pela observação e análise dos periódicos apontava mais para uma representação de feminino que a instituição religiosa – Assembleia de Deus – pretendia do que, possivelmente, na prática, as ações e relações sociais podem revelar.

1 Revistas publicadas pela CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) direcionadas à família e, sobretudo, ao público feminino. Publicadas e comercializadas pela editora nas décadas de 1990 e 2000.

GÊNERO: CATEGORIA ANALÍTICA

Gênero! Percebe-se que tal palavra tem sido cada vez mais utilizada tanto na academia quanto na sociedade de forma mais ampla, através da mídia, da política, da religião. O debate na arena pública em torno dessa palavra suscita, muitas vezes, discussões acaloradas podendo resultar em violência simbólica ou até mesmo em violência física. Muitas são as opiniões e concepções acerca do que tal palavra, aparentemente ordinária, significaria. Não obstante, acionar gênero enquanto categoria analítica requer certo esforço para trabalhar tal conceito de forma interseccionada.

Assim, a proposta, aqui, é que, para se trabalhar a categoria de gênero, é necessário pensar em contextos e historicidades. A construção de conceitos, discursos e sistemas reguladores obedecem a pré-condições que geram efeitos socialmente identificáveis em seus próprios contextos.

Como se vê, o argumento básico gira em torno da impossibilidade de haver uma definição universal de certas categorias ou sistemas, pelo fato de que os elementos que os constituiriam e as relações que dele se resultariam seriam específicos historicamente de seus contextos. Como também, a construção das definições seria, em si, produto de processos discursivos históricos.

Em síntese, é preciso negar a generalização dos conceitos, sobretudo de gênero. A concepção universal de tal conceito pode ser vista como errônea a partir do momento em que se torna necessário levar em consideração o desenvolvimento da definição de gênero como um ato histórico. Pensar a historicidade da própria construção do conceito implica pensar em diferentes variáveis, tais como: pensamentos, épocas, contextos geográficos. E que a construção de definição responde às questões específicas de cada variável.

Dito isso, pode-se dizer que o conceito de gênero enquanto categoria de análise não deve ser trabalhado de forma estanque; pelo contrário, tal conceito precisa ser trabalhado de forma móvel, levando em consideração as inúmeras concepções acerca de seus significados e funcionamento. A frase a seguir ilustra o argumento da pesquisadora: “As normas pelas quais as mulheres são medidas nada têm de universais” (BOURDIEU, 2011, p. 78). A frase escrita por Bourdieu vai ao encontro da ideia da construção dos conceitos a partir da contextualização e negação da universalização.

PROBLEMATIZAÇÕES E TENSÕES: AS MULHERES ASSEMBLEIANAS

Contudo, a representação dual de mulher e o interesse das revistas em disciplinar o corpo feminino abre espaço para enxergar e discutir possíveis tensões no interior dos discursos que tratam a mulher como submissa. Central no debate de

gênero, a polarização, vista de forma superficial, pareceu explicar a representação feminina assembleiana. Visto que o referencial teórico utilizado foi Marilyn Strathern, Pierre Bourdieu e Judith Butler, fazem-se necessárias certas problematizações das conclusões do trabalho de dissertação.

Percebe-se, agora, que o fato de assumir Bourdieu como principal referencial teórico resultou em trabalhar o conceito de gênero a partir de uma perspectiva estruturalista pautada em uma análise a-histórica e universalizante. Essa perspectiva deixa sem explicação situações como a reportagem realizada com Marina Silva, à época Ministra do Meio Ambiente. Segue trecho da reportagem:

Simplicidade e serenidade são qualidades que saltam aos olhos quando se está à frente de Marina Silva. Reconhecida por sua luta e compromisso em favor das causas ambientais e dos direitos humanos [...] conquista posições de destaque na vida pública nacional sem deixar de lado a humildade e a gratidão a Deus [...] Marina surgiu no cenário público em 1988 ao ser eleita vereadora por Rio Branco, capital do Acre. Já no segundo mandato no Senado foi nomeada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva para fazer parte do primeiro escalão do governo (MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ, 2003, p. 5).

Como explicar a participação de uma mulher assembleiana na esfera pública, que, de acordo com a visão estruturalista, seria apenas *locus* masculino? Tal pergunta problematiza tanto o estruturalismo quanto as conclusões do trabalho.

Interessa, também, destacar outro ponto. Apesar do fato de que os antônimos possam ser trabalhados de maneira que suscite complementaridade, como se sabe, sua utilização como base para estrutura sociocultural fundamenta todo o pensamento relacionado à corrente estruturalista. Sendo assim, a divisão sexual das coisas e das atividades assume uma postura binária, na qual sempre haverá a oposição entre o masculino e o feminino.

Nesta perspectiva, constata-se que a dominação masculina² se constrói e se perpetua a partir de vias simbólicas do conhecimento e da comunicação. A ordem social estabelecida assemelha-se a uma grande máquina simbólica capaz de ratificar as diversas formas de dominação. As relações sociais obedecem a princípios simbólicos conhecidos e reconhecidos tanto por ‘dominados’ quanto por ‘dominantes’.

O princípio da visão dominante está inscrito em um sistema simbólico³ de estruturas “duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos” (BOURDIEU, 2011, p. 54). Contudo, as estruturas de dominação não podem ser consideradas como a-históricas. Pelo contrário, as estruturas são o resultado de um constante trabalho

2. Conceito utilizado por Pierre Bourdieu no livro *A dominação masculina* para analisar a ordem social estabelecida e as relações de dominação.

3. Entende-se, aqui, sistema simbólico semelhante à cultura, no qual sinais e símbolos possibilitam a membros de sociedades apreensão de conhecimentos de si próprios.

de produção e reprodução de agentes específicos, tais como escolas, igrejas, instituições, Estado. As relações simbólicas, desta forma, contribuem na reprodução de uma estrutura de distribuição de capital simbólico (BOURDIEU, 2011, p. 295).

Perpetuar a dominação masculina na perspectiva estudada traz consequências generalizantes para a teoria de gênero. À luz de Bourdieu (2011), há uma noção naturalizada de gêneros como *habitus* sexuados, a qual parece operar na produção da estrutura binária⁴ utilizada para pensar as categorias de gênero. Na visão de Butler (2012), a categorização de gênero é responsável por sua hierarquização e pela heterossexualidade compulsória⁵. Assim, ambos, admitem que haja uma polarização entre o masculino e o feminino que os coloca em níveis hierarquicamente distintos.

Ao perceber a diferenciação dos gêneros como uma construção social naturalizada, pode-se entender que a divisão social construída entre os sexos é dada de forma natural. A legitimidade se insere a partir do ponto no qual a diferenciação é construída através de uma ordem natural. Com base no princípio androcêntrico e na divisão sexual biológica, pode-se identificar a ordem da força masculina e a não necessidade de justificação da dominação masculina.

Assim, tem-se que o sexo é fundamentado a partir da biologia, e o gênero tem sua fundamentação a partir da construção social/cultural. Seguindo esse pensamento, sexo, gênero e orientação sexual são interpretados de maneiras correlacionadas e dependentes. Logo, aquela mulher assembleiana que é juíza em um tribunal no estado do Pará (MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ, 2001, p. 52) não estaria em conformidade com os atributos referentes ao seu gênero.

Não bastasse o recorrente uso e abuso de antagonismos, o viés estruturalista propõe uma essência universal para o modelo androcêntrico e patriarcal de sociedade. Aqui, aponta-se para duas observações intercambiáveis: 1. A necessidade de problematizar a categoria universal; 2. Para a necessidade do movimento feminista em tornar coesa a identidade mulher.

O mesmo raciocínio pode ser percebido em Butler⁶, ao defender gênero como ato, aberto a ações. Ora, tais *insights* abarcam ideias-chave: que toda definição de elemento ocorre dentro de um contexto histórico particular e que tais definições estão constantemente sendo definidas dentro de contextos históricos e sociais, nos quais quem os define tem motivos e razões para fazê-lo de um modo ou de outro.

Mônica, capitã do exército, branca, formada em Direito e em Teologia, 30 anos (MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ, 2003, p. 50); Judite, dona de casa,

4. Estrutura binária é um conceito utilizado por Judith Butler para analisar as categorias de gênero e a hierarquização do poder contido nas relações entre 'homens' e 'mulheres'.

5. Processo de socialização que garante a estrutura binária de gêneros e consequentemente a hierarquia de gênero.

6. BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012. p. 199.

esposa de um pastor, negra, 47 anos (MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ, 2005, p. 5); Débora, aluna do curso de Letras, branca (MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ, 2003, p.50): é suposto que tais mulheres, com carreiras, idades e raças tão distintas, tenham uma mesma identidade?

A resposta para a pergunta acima é SIM, para parte do movimento feminista. Tal parcela do movimento, diga-se de passagem, radical⁷, tem particular apreço pela promoção dos interesses das mulheres. Mas desde quando lutar pelos interesses das mulheres é visto como algo pejorativo e radical? Strathern (2006, p. 53) aborda o movimento feminista como produtor de um debate radical acerca dos interesses femininos. Levando em consideração a data em que o livro foi escrito, década de 1980, tal afirmação de que o debate feminista é radical soa descontextualizada. Contudo, é seguro afirmar que, ainda hoje, encontra-se certo radicalismo em movimentos feministas, tais como o FEMEN⁸. Trata-se de um grupo feminista de protesto, cujas ações no centro da cena pública protagonizam atos pela liberdade de mulheres as quais são julgadas oprimidas pelas manifestantes feministas, seja pelo machismo, seja pela desigualdade entre homens e mulheres na sociedade, seja pelas religiões e suas estruturas androcêntricas.

No cerne do debate radical, a perspectiva das mulheres é tida como forma de resistência e/ou em conflito com a dos homens em um sistema no qual a posição da mulher é vista como consequência dos interesses masculinos. Tal suposição se torna ainda mais problemática ao interpretar a desigualdade entre os sexos como um fenômeno universal. Se no interior do movimento existem diferenças teóricas, como se pode falar em feminismo unitário ou mesmo na unidade da categoria mulher?

Em princípio, o termo mulher foi responsável por tornar coeso o movimento feminista na luta por projeção, legitimidade e direitos políticos. Ao buscar chancelar o sujeito mulher na esfera pública, o feminismo optou e, por assim dizer, necessitou da criação de uma identidade única a qual representasse de forma igualitária os interesses do movimento feminista. Seria necessário e aceitável pensar a categoria mulher em termos universais nos dias de hoje?

Em meio à crise de paradigmas universalistas e da crítica aos construtos

7. Aqui, refere-se a um movimento feminista muito em voga nas décadas de 1960 e 1970. A teoria feminista radical teve papel fundamental na emancipação e na luta pelos direitos políticos da mulher. Neste tipo de debate feminista, tem-se em voga a promoção dos interesses da mulher e a constante perspectiva da dominação masculina. Estruturas detentoras de capital simbólico são responsáveis por perpetuar a desigualdade entre homens e mulheres, sobrepujando a parcela feminina. STRATHERN, 2006, p. 58).

8. Em um protesto intitulado Topless Jihad, ocorrido em 2013, as ativistas conseguiram não somente apoio, mas também crítica por parte de muçulmanas. “A natureza intransigente das ações do Femen e as palavras provocadoras que portam em cartazes e no corpo também irritam outras pessoas. Após o Topless Jihad, formou-se um grupo denominado Muslim Women Against Femen (Muçulmanas contra o FEMEN), que declarou no Facebook considerar o Femen anti-islâmico e imperialista.” Disponível em: < <http://www.dw.com/pt/a/C3%A7%C3%B5es-do-grupo-femen-provocam-recha%C3%A7o-de-feministas/a-16741110>>. Acesso em: 6 nov. 2015. Frases como: “**Femen pratica o feminismo brutal** (Hilal Sezgin)” não são incomuns após os protestos do grupo.

de verdades absolutas, fez-se necessário problematizar tanto os conceitos bem delimitados quanto as concepções vigentes, que têm por base características fixas e estanques, o que significa compreender que utilizar mulher com as implicações feministas radicais⁹ supõe uma identidade pré-estabelecida e com bases fixas.

A presunção política de ter que haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada em uma identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal masculina (BUTLER, 2012, p. 20).

Tal concepção vai ao encontro da padronização da identidade mulher forjada pelos articulistas das revistas analisadas. Nota-se que, apesar da diversidade de identidades femininas contidas nas páginas das revistas, há um esforço para relacionar a mulher ao espaço doméstico. São abordadas características que se supõem estarem relacionadas ao feminino, constantemente, tais como a maternidade, a doçura, a delicadeza, a paciência, o cuidado estético.

Por que transformar identidades fluidas em identidades fixas e naturais? Quais os propósitos dessa normatização? Quem são os responsáveis por engendrar a naturalização de identidades únicas, universais e a-históricas? Tais perguntas tornam-se necessárias, a partir do ponto no qual se pretende vislumbrar a construção da categoria de gênero, quais as relações contidas nessa categoria e qual o papel desempenhado pelas instituições detentoras de capital simbólico.

As instituições enquanto agenciadoras relacionam-se com a normatividade, com a organização, com o reconhecimento, com a aceitabilidade e com a legitimidade na conceituação de categorias de gênero? A igreja, enquanto tal, tem responsabilidade na ordenação e normatização dos sujeitos, enquanto produtora de uma matriz de inteligibilidade? Mulheres que rompem com suas igrejas por falta de legitimidade, mesmo que empoderadas pelo Espírito Santo, estariam rompendo com certa normatividade?

Tais reflexões podem ser feitas a partir da problematização das categorias de gênero, corpo, normatividade e a própria noção de mulher.

Portanto, é preciso lançar mão de novas perspectivas que relativizem as dicotomias muitas vezes encontradas na teoria de gênero. Utilizar classificações como enquadramentos teóricos em certos casos não parece suficiente. A pesquisa empírica, certas vezes, testa os referenciais teóricos indicando que os mesmos nem sempre dão conta de explicar o todo, o que autoriza a pensar que xs¹⁰ autorxs e suas teorias devem ser utilizadxs como instrumentos para pesquisa, e não como

9. Ainda que esse possa ser observado em menor parcela.

10. No presente texto, optou-se pela utilização do 'x(s)' no lugar dos artigos definidos 'a(s)' 'o(s)' na intenção de não reforçar o binarismo, pois habitualmente são utilizados como marcadores para as definições das identidades de gênero.

categorias fechadas, estanques e imutáveis. Mônica, Judite e Débora, entre outras mulheres assembleianas, com suas escolhas e suas trajetórias, parecem apontar para a necessidade de quadros teóricos que permitam compreender uma possível tensão entre as construções de gênero associadas às suas identidades e, por outro lado, as práticas e os jogos que em seus cotidianos adotam como forma de resistência e superação de dominações.

Logo, como compreender a mulher assembleiana a partir de uma perspectiva de gênero que dê conta de explicar as continuidades e descontinuidades entre o discurso oficial produzido pela instituição religiosa e a autorrepresentação de feminino que possuem as assembleianas?

A comunicação se justifica ao colocar em pauta o debate acerca da teoria de gênero associado à religião. É preciso propor uma problematização acerca do binarismo hierárquico de gênero. A universalização da questão da dominação masculina precisa ser revisitada e problematizada. Será que no interior da Igreja Assembleia de Deus – Missões constata-se somente a dualidade no poder, sobrepondo o homem à mulher? Algumas situações constatadas em campo demonstram um grau de flexibilização.

Visto que a teoria de gênero muitas vezes polariza feminino/masculino, público/privado, uma boa metodologia para se pesquisar o campo assembleiano seria a utilização de teorias de gênero que permitam problematizar e flexibilizar tais conceitos. Desta maneira, será possível perceber a mulher a partir de um viés mais fluido no interior da Assembleia de Deus – Missões.

Para tanto, parte da literatura especializada acerca de gênero foi revisitada. Judith Butler e Pierre Bourdieu foram os referenciais teóricos utilizados para pensar o problema central proposto. Tais autorxs permitem relativizar a dicotomia contida em boa parte da teoria feminista e impulsionam reflexões críticas acerca da construção dos conceitos, chamando atenção para a historicidade, para as relações sociais, para o poder e para as normas, nos quais os conceitos estão condicionados.

O CAMPO ASSEMBLEIANO

Partindo da premissa de que a instituição religiosa tem capacidade simbólica de agenciar coisas e pessoas, optou-se por escolher a Igreja Assembleia de Deus¹¹ como objeto de estudo. A mesma apresenta na atualidade uma enorme diversificação em seu interior. Há congregações filiadas a CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) que assumem posturas mais conservadoras e

11. Fundada em 18 de junho de 1911 por um grupo de 17 pessoas dissidentes da Igreja Batista, entre elas Daniel Berg e Gunnar Vingren. Assembleia de Deus figura nos tempos atuais como a maior Igreja pentecostal no cenário brasileiro. Em 99 anos de história, a Igreja conta com uma membresia de norte a sul, leste a oeste do Brasil, equivalente a 12.314.408 de pessoas, segundo dados do Censo demográfico do IBGE de 2010.

tradicionais¹², congregações independentes – não filiadas à CGADB – e congregações que assumem uma postura (neo)pentecostal¹³. Desde abril de 2016, as reuniões do grupo feminino – Círculo de Oração – pertencente à Assembleia de Deus – Missões, presente na cidade de Juiz de Fora, foram acompanhadas. A pretensão inicial era desenvolver uma etnografia do Círculo de Oração em questão na busca de perceber não somente as tensões entre os discursos oficiais da Igreja em relação às fiéis, mas também identificar mulheres que rompem com estereótipo de ideal feminino e verificar de quais formas isso se dá. Entretanto, somente o acompanhamento das reuniões do Círculo de Oração – que ocorrem às quartas-feiras, das 08h00 às 16h00 – se mostrou insuficiente para compreender a dinâmica de funcionamento da hierarquia de sexo/gênero no interior da Igreja e seus desdobramentos.

Dessa forma, na expectativa de ampliar o campo de compreensão do funcionamento da Assembleia de Deus – Missões em questão, os cultos realizados na Igreja foram acompanhados, pois, a partir da observação dos mesmos, criou-se a possibilidade de observação do funcionamento da Igreja, da fala dxs fiéis, bem como a fala dos pastores. Tendo em vista que a organização do culto de quinta-feira é realizada a cada semana por um Departamento diferente que compõe a Igreja, participar de tais atividades abriu caminhos para perceber rupturas e continuidades nos discursos.

Não obstante, foi de extrema importância a realização de entrevistas com quatro mulheres ativas no Círculo de Oração da Igreja, bem como uma entrevista realizada ainda em 2014 com o pastor-presidente da Igreja. Com objetivo de colher mais informações, foi distribuído às mulheres frequentadoras do Círculo de Oração um questionário¹⁴, ao fim da pesquisa, para que as mesmas respondessem. Contudo, marcante para compreensão dos rasgos e/ou continuidades entre o discurso oficial assembleiano e a autorrepresentação feminina foi o acompanhamento do Congresso de responsabilidade do Círculo de Oração que ocorre anualmente.

O acompanhamento do Círculo de Oração foi realizado na Igreja Assembleia de Deus¹⁵, Ministério Missões, em Juiz de Fora. Anualmente, os Círculos de Orações pertencentes ao campo se reúnem em um Congresso Feminino realizado na Igreja-sede.

Os dias de Congresso são dias em que os Departamentos da Igreja se

12. De acordo com a tipologia histórico-institucional de Ricardo Mariano, tais características podem ser encontradas na primeira onda pentecostal: *pentecostalismo clássico*. Tais igrejas são marcadas pela ênfase nos carismas – dons do Espírito Santo – e pela crença iminente da volta de Cristo. Estas mantêm-se em postura asceta e sectária em relação ao mundo. Ressalta-se que, a partir da transformação do perfil social de seus membros na atualidade, já não se encontra uma radicalidade marcante às adaptações ao mundo.

13. Com caráter inovador, esta postura deixa para trás a velha mensagem pentecostal de sofrimento e prega a mensagem de prosperidade material, na saúde e na família, de forma imediata. Há uma grande acomodação ao mundo de tal maneira que participam da vida partidária e utilizam de forma exaustiva a mídia.

14. Foram distribuídos trinta questionários.

15. Situada na Avenida dos Andradas, número 1.125, Centro, Juiz de Fora – MG.

unem em prol de um mesmo objetivo. Pôde-se identificar, em meio à cerimônia, a participação do Coral, da Orquestra, do Círculo de Oração, da banda da Igreja, etc. Entretanto, salta aos olhos a composição do espaço físico da Igreja, a qual aos homens cabe o espaço do altar e posições estratégicas no interior do salão, que são ocupadas por obreiros – exclusivamente do sexo/gênero masculino.

Acreditava-se que a revisão da literatura especializada acerca de gênero bem como a que relaciona gênero e religião não dariam conta de relativizar a constante dicotomia verificada até certo momento da pesquisa. Nesse sentido, o trabalho de campo teve papel preponderante para os resultados da pesquisa. É a partir da experiência empírica que se poderá neste caso observar dados que possibilitem ou não constatar a fragilidade de afirmações tais como a: mulher assembleiana é submissa ao marido; lugar de mulher é em casa.

Dessa maneira, a contribuição proposta por esse estudo centra-se, primeiramente, em trabalhar o pentecostalismo brasileiro a partir da Igreja Assembleia de Deus. A mesma representava 54,55% do número de pentecostais brasileiros, contabilizando um total de 12.314.408 membros, e existe uma pequena variação no número de assembleianxs de acordo com a região do país: Norte: 60,53%, Nordeste: 62,90%, Sudeste: 40,03%, Centro-Oeste: 50,28% e Sul: 41,37%¹⁶. Nota-se que, apesar da variação, a Assembleia de Deus representa a maior parcela entre xs pentecostais em todas as regiões do país. Constituída, inicialmente, por membros pobres, em mais de cem anos de história, a Assembleia de Deus na atualidade penetra, inclusive, na elite brasileira.

Em segundo lugar, a pesquisa revisitou parte da literatura especializada acerca de gênero na intenção de auxiliar a compreender o papel e a postura da mulher assembleiana. Relacionar religião e gênero, sobretudo relacionar a Assembleia de Deus – pentecostalismo – à mulher, é extremamente interessante, visto que a história da Igreja é marcada por um forte debate – inaugurado pela presença de Frida Vingren¹⁷ – acerca da participação feminina na Igreja. A proposta de realizar uma etnografia que trate dos grupos femininos presentes na Assembleia de Deus é extremamente válida e nova. A associação entre gênero e religião teve um bom crescimento recentemente, contudo é preciso repensar tal associação de forma mais fluida.

O estudo revela-se legítimo, ainda pois contribui para que se compreenda como opera a dinâmica de gênero no interior da Assembleia de Deus – Missões, bem como essa dinâmica opera para além da Igreja. Para tanto, foi necessário a compreender a história da Igreja e como esta trabalha em meio a tanta diversidade

16. Dados retirados do Censo Demográfico do IBGE de 2010.

17. Esposa de Gunnar Vingren – um dos fundadores da Assembleia de Deus no Brasil –, teve forte participação na redação dos primeiros jornais da Igreja, pregava, compunha hinos e foi estopim para o debate acerca do pastorado feminino na Primeira Convenção Geral da Assembleia de Deus no Brasil em 1930.

interna. Perceber aspectos como o papel da mulher assembleiana, sua função e comportamento dentro da Igreja e na sociedade contribuem de maneira significativa para verificar a transformação do campo religioso brasileiro. Dessa maneira, o que se pretendeu foi construir uma narrativa amarrada pelas teorias de gênero no intuito de identificar de qual forma a identidade feminina assembleiana é construída.

CONCLUSÃO

Dessa forma, como compreender a mulher assembleiana a partir de uma perspectiva de gênero que dê conta de explicar as continuidades e descontinuidades entre o discurso oficial¹⁸ produzido pela instituição religiosa e a autorrepresentação de feminino que possuem as assembleianas?

Buscou-se explorar a categoria de gênero de forma analítica, ou seja, de maneira móvel, contingente, portanto, interseccional. Buscou-se, também, explorar a importância da contextualidade e historicidade para a formulação dos conceitos, consequentemente, a constituição das identidades dos sujeitos, tanto viáveis quanto abjetos.

Perceber a Igreja Assembleia de Deus – Missões enquanto um espaço de sociabilidade implica pensar em um campo no qual há jogos de poder agindo a todo o momento trabalhando em favor da normatização e regulação dos sujeitos.

Dessa forma, as noções de *habitus* e matriz de inteligibilidade podem ser acionadas de maneira complementar para auxiliar a compreensão de como se dão as tensões entre o discurso oficial assembleiano e a autorrepresentação de mulher. Quer dizer, apesar da igreja ser um campo que contém suas próprias normas, regulações produzindo um *habitus* particular a partir de uma matriz de inteligibilidade específica, tanto Bourdieu quanto Butler sugerem que as identidades são formuladas a partir da multiplicidade. Ou seja, nenhuma identidade é fixa e universal, ao contrário, são forjadas a partir de esquemas hegemônicos de poder, no caso Ocidental, binário sexual, no qual há uma dominação masculina.

E é a partir das normas, por essas serem históricas e contextuais, que há a possibilidade de transformação dos quadros reguladores e normatizadores, uma vez que o poder, assim como as identidades, não é fixo e imutável. Portanto, o que se buscou foi trabalhar os conceitos de maneira móvel e fluida na expectativa de desessencializar as identidades sexuadas, consequentemente, o gênero.

Visto que a Assembleia de Deus – Missões faz parte de um grupo de igrejas com uma visão pré-milenarista escatológica. Isso implica dizer que xs fiéis são regradxs e normatizadxs em relação à iminente volta de Cristo. A Igreja que se situa na primeira onda de Freston, ‘pentecostalismo clássico’, ainda que tenha

18. Literatura, Cultos, Congressos, Departamentos.

sofrido fortes transformações, ainda guarda uma postura conservadora em relação à normatização dos corpos e condutas tanto dos homens quanto das mulheres.

Sendo assim, verificou-se, tanto a partir da observação dos cultos quanto dos Congressos Femininos, e das entrevistas, sobretudo, a realizada com o pastor-presidente, que os intentos reguladores no interior da Igreja são baseados em uma distinção biológica sexual. Quer dizer, no campo analisado, a leitura da Bíblia de maneira literal ainda é utilizada para legitimar a divisão sexual entre machos e fêmeas – masculino e feminino – das coisas e do trabalho. Com base na teoria utilizada para base argumentativa, o que se pode dizer, portanto?

Com a sustentação fornecida por Pierre Bourdieu e Judith Butler o que se pode dizer sobre a Igreja Assembleia de Deus – Missões é que tal espaço, de sociabilidade, que constitui um campo, no qual há relações de poder agindo a todo o momento com objetivos específicos, é regrado a partir de um esquema hegemônico de poder: o do binarismo sexual. Pensar através da oposição macho/fêmea implica algumas conclusões: na hierarquia sexual, sobrepujando a fêmea em detrimento do macho, na correlação direta entre sexo biológico e gênero construído culturalmente, mas, sobretudo, no caráter único e estanque das identidades. Assim sendo, as mulheres na Igreja são normatizadas a adquirirem um *habitus* em conformidade com o esquema hegemônico de poder vigente. Entretanto, as mulheres assembleianas, enquanto mulheres constituídas a partir de vários espaços de sociabilidade não podem ser compreendidas enquanto unidade. Cada mulher que frequenta a Assembleia de Deus – Missões tem sua própria identidade forjada através de um conjunto de normas específicas aos contextos sociais nos quais essa mulher transita.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2011, p. 78.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

MULHER, Lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 1, 2001.

MULHER, Lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, 2003.

MULHER, Lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 5, p. 5, 2005.

GOUVÊA NETO, Ana Luíza. *Na capa e por dentro: uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. 2015. 148 f. p. 37. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bíblia Hebraica 54, 55, 56, 57, 58, 59

C

Confessionalidade 90

Congar 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

E

Eclesiologia 102, 103, 104, 105, 106, 108

G

Gênero 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 27, 63, 64, 65, 123, 132, 135

H

Habermas 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118

I

Identidade negra 13, 16, 17, 26

L

Literatura infantil 13, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 27

M

Medellin 102, 106, 107, 108

Morte 28, 29, 30, 33, 34, 35, 39, 86, 109, 110, 122, 125, 127, 130

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 22, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 75

N

Narrativas bíblicas 54, 55, 56, 58, 60

P

Paradigmas 6, 90, 93, 99

Peregrinos 63

Preservação 35, 41, 42, 51, 52, 53

R

Racismo 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 27

Relações raciais 13, 15, 26, 27

Religião 2, 3, 8, 10, 12, 21, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 40, 41, 45, 48, 78, 81, 83, 84, 86, 88, 89, 97, 109, 110, 111, 112, 113, 118, 127, 135

Restauração 41, 52, 54, 59, 79

S

Santos 16, 19, 21, 31, 33, 40, 63, 66, 67, 68, 69, 73, 91, 104

T





Tempos líquidos 119, 128, 129, 130, 134

Teologia 2, 5, 61, 76, 77, 78, 84, 88, 90, 91, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 111, 112, 121, 133, 135





Tolerância 109

X

Xintoísmo 28, 29, 30, 31, 32, 34

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2